



**Centro Universitário de Brasília
Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento - ICPD**

TATIANE TAMIRES BARBOSA

**ANÁLISE DO FILME 'PRECISAMOS FALAR SOBRE KEVIN' A
PARTIR DAS IDEIAS DE WINNICOTT**

Brasília
2017

TATIANE TAMIREZ BARBOSA

**ANÁLISE DO FILME ‘PRECISAMOS FALAR SOBRE KEVIN’ A
PARTIR DAS IDEIAS DE WINNICOTT**

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Teoria Psicanalítica.

Orientador: Prof. Dra. Livia Milhomem
Januário

Brasília
2017

TATIANE TAMIREZ BARBOSA

**ANÁLISE DO FILME ‘PRECISAMOS FALAR SOBRE KEVIN’ A
PARTIR DAS IDEIAS DE WINNICOTT**

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Teoria Psicanalítica.

Orientador: Prof. Dra. Livia Milhomem
Januário

Brasília, ____ de _____ de 2017.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Enrique Bessoni

Prof. Dr. Gilson Ciarallo

RESUMO

O objetivo desse estudo é analisar a importância da relação mãe-bebê para o desenvolvimento da criança, com o intuito de identificar os fatores essenciais para a constituição psíquica do sujeito. De modo mais peculiar, esse trabalho pretende analisar o modo como o ambiente familiar propicia ou inibe o desenvolvimento emocional da criança; investigar como a criança pode vivenciar e internalizar a falha ambiental, bem como as possíveis consequências dessa falha para as relações familiares e interpessoais da criança; e refletir sobre a importância de um ambiente suficientemente bom de apoio à mãe para que ela possa desempenhar sua função materna. Para isto, realizou-se uma revisão bibliográfica da teoria de Winnicott e uma análise minuciosa do filme “Precisamos falar sobre Kevin”. O filme retrata a história de vida de Kevin desde sua gestação até a adolescência, ressaltando sua relação conflitiva com a mãe. A análise do filme a partir da teoria winnicottiana permite notar que a interação mãe bebê no estágio primitivo é de suma importância para a constituição psíquica do bebê, podendo propiciar ou inibir o desenvolvimento emocional da criança. Conclui-se que Eva, devido ao seu estado de fragilidade e falta de um ambiente de apoio, não conseguiu propiciar um ambiente facilitador para o desenvolvimento de Kevin, o que gerou seus comportamentos agressivos, antissociais e perversos.

Palavras-chave: Psicanálise. Winnicott. Relação mãe-bebê. Constituição psíquica. Tendência antissocial.

ABSTRACT

The purpose of this study is to analyze the importance of the mother-baby relationship for the development of the child, in order to identify the essential factors for the psychic constitution of the subject. More peculiarly, this work intends to analyze the way in which the familiar environment propitiates or inhibits the emotional development of the child; Investigate how the child can experience and internalize environmental failure, as well as the possible consequences of this failure for the child's family and interpersonal relationships; And, reflect on the importance of a good enough environment to support the mother so she can fulfill her maternal role. For this, a bibliographical revision of Winnicott's theory and a detailed analysis of the film "We need to speak about Kevin" was realized. The film portrays Kevin's life story from his gestation through adolescence, highlighting his conflicting relationship with his mother. The analysis of the film from the Winnicottian theory allows to note that the interaction of the baby mother in the primitive stage is of paramount importance to the psychic constitution of the baby, which can propitiate or inhibit the emotional development of the child. It is concluded that Eva, due to her state of fragility and lack of a support environment, failed to provide a facilitating environment for Kevin's development, which generated his aggressive, antisocial and perverse behaviors.

Key words: Psychoanalysis. Winnicott. Mother-baby relationship. Psychic constitution. Antisocial trend.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	06
1 INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO DE WINNICOTT	10
1.1 D. W. Winnicott	10
1.2 Os jogos e a clínica com crianças	11
1.3 A teoria do desenvolvimento emocional de Winnicott	14
1.3.1 <i>Constituição e funcionamento psíquico em Winnicott</i>	16
1.4 Holding, manejo e apresentação do objeto	19
1.5 Verdadeiro e falso self	21
2 PRECISAMOS FALAR SOBRE O KEVIN	23
2.1 A história de Kevin	23
2.2 A adolescência de Kevin	25
3 ANÁLISE DO FILME A PARTIR DAS IDEIAS DE WINNICOTT	28
CONCLUSÃO	37
REFERÊNCIAS	39

INTRODUÇÃO

Os estudos a respeito da interação mãe-bebê e suas consequências no desenvolvimento da criança têm sido revelados à Psicanálise com considerável interesse, já que essa relação é de fundamental importância para a constituição psíquica do sujeito, de modo que, se ocorrerem falhas, pode-se ter o comprometimento da constituição saudável desse sujeito. Assim, o presente estudo busca traçar uma análise do filme “Precisamos falar sobre Kevin” a partir de um embasamento na teoria winnicottiana.

A elaboração desse trabalho constituiu-se em um levantamento e leitura dos textos de Winnicott, visando compreender como se dá o processo de constituição psíquica do sujeito através da relação mãe-bebê. Além das ideias winnicottianas, o filme “Precisamos falar sobre Kevin”, lançado em 2011, contribuiu para as discussões sobre o tema em questão.

Ao longo da produção deste trabalho, busquei assimilar a importância da relação mãe-bebê com o desenvolvimento emocional da criança, visando encontrar as possíveis maneiras como essa relação pode influenciar o processo de constituição psíquica desse bebê.

Com o conhecimento sobre a teoria de Winnicott, a análise crítica do filme, e a experiência obtida através de atendimentos clínicos com adultos em minha atuação profissional como psicóloga, em especial, o caso clínico de uma paciente psicótica e uma outra paciente que apresenta diversas dificuldades em relacionamentos interpessoais na vida adulta como consequência de falhas ambientais no relacionamento primitivo com a mãe, foi possível perceber que muitos dos sofrimentos psíquicos trazidos como demanda pelos pacientes na fase adulta estão expressivamente associados ao período primitivo de suas vidas.

Esse recorte deu origem a alguns questionamentos: quais são os fatores essenciais para a constituição psíquica do sujeito? Quais seriam as consequências para o desenvolvimento emocional da criança devido à falha na interação mãe-bebê?

Há um desejo então de que este estudo amplie meu conhecimento e me ajude a incluir explicações pertinentes quanto aos aspectos saudáveis necessários na relação mãe-bebê e sobre sua influência no amadurecimento psíquico do sujeito, a

fim de melhor compreender as demandas dos meus pacientes quando surgidas durante os atendimentos.

Os bebês, ao nascerem, necessitam totalmente de sua mãe, estabelecendo-se uma relação de dependência absoluta com a mesma para sua sobrevivência. Winnicott, ressalta que as bases de saúde mental do sujeito são constituídas na primeira infância através do meio fornecido pela mãe. Contudo, a função da mãe vai além dos cuidados fisiológicos que o bebê necessita para sobreviver, sendo essenciais os cuidados emocionais que estão diretamente relacionados à construção de sua personalidade, à maneira como se relacionará com outras pessoas quando adulto e como conduzirá sua vida (WINNICOTT, 1945, 1956).

A capacidade da mãe de se identificar e se adaptar às necessidades do bebê, prestando seus cuidados, faz com que o bebê passe a conhecer o mundo. O processo de desenvolvimento pessoal e real desse bebê só é possível com a existência dessa mãe suficientemente boa. A boa interação entre mãe e bebê faz com que o ego do bebê se torne forte, uma vez que o ego da mãe o apoia em todos os aspectos, tornando o bebê capaz de organizar defesas e desenvolver padrões pessoais, tornando-se verdadeiramente ele mesmo. (WINNICOTT, 1960/2011).

Para Winnicott (1960/2011), a mãe suficientemente boa é a mulher que entra no estado de preocupação materna primária, criando uma empatia com as necessidades primárias do bebê ao ponto de saber como satisfazê-las adequadamente. Dito de outra forma, é a mãe que realiza bem as três funções maternas (holding, handling e apresentação do objeto) de modo a ser boa o suficiente para que o bebê conviva com ela e se desenvolva sem prejuízos psíquicos. Ao passo que essa mãe fornece um “ambiente bom”, ela permite que a criança coloque em prática sua tendência inata ao desenvolvimento e continuidade da vida e origine seu verdadeiro self. Essa seria uma função indispensável para a constituição saudável da criança.

Contudo, nem sempre a mãe tem condições de prestar estes cuidados, uma vez que esta relação pode ser afetada por distúrbios maternos que rompem com tal vínculo, seja pela ausência do sentimento de tornar-se mãe, pela falta de um ambiente de apoio para essa mãe ou até mesmo por um adoecimento psíquico como no caso da depressão pós-parto.

Portanto, o objetivo geral desse estudo consiste em:

- Analisar a importância da relação mãe-bebê para o desenvolvimento da criança, com o intuito de identificar os fatores essenciais para a constituição psíquica do sujeito.

De modo mais peculiar, presente-se como objetivos específicos:

- Analisar o modo como o ambiente familiar propicia ou inibe o desenvolvimento emocional da criança;
- Investigar como a criança pode vivenciar e internalizar a falha ambiental, bem como as possíveis consequências dessa falha para as relações familiares e interpessoais da criança, e;
- Refletir sobre a importância de um ambiente suficientemente bom de apoio à mãe para que ela possa desempenhar sua função materna.

Para isso, realizou-se uma revisão bibliográfica dos textos de Winnicott em conjunto com uma análise minuciosa do filme “Precisamos falar sobre Kevin”. Dessa forma, pôde-se pensar a temática do desenvolvimento emocional primitivo, com base na história fictícia de Kevin, e fazer um entrelaçamento com o pensamento winnicottiano.

O presente ensaio traz a proposta de oferecer um entendimento do elo mãe-bebê por meio de um olhar sobre a importância do vínculo e do afeto nesta interação para o desenvolvimento do bebê ao longo da vida.

Do ponto de vista social, esta reflexão contribuirá para esclarecer como que as falhas no ambiente, tais como o abandono, a falta de afeto, de holding, de manejo e de brincar influenciam na constituição subjetiva do bebê e no seu modo de conduzir a vida e se relacionar com outras pessoas. Possibilitando assim, a reflexão sobre medidas interventivas para os casos de comportamentos antissociais e delinquência apresentados por crianças, adolescentes e adultos em nossa sociedade como consequência das falhas ambientais. Também torna possível pensar em medidas preventivas e em apoio psicológico para as mães durante a gestação, pretendendo diminuir o sofrimento da mãe e do bebê.

Sob a ótica acadêmica, apesar de existirem muitos estudos científicos que se referem ao tema em questão, acredito que essa pesquisa pode contribuir para produção de material empírico sobre a temática da relação mãe-bebê na constituição

psíquica do sujeito, trazendo a debate o papel do psicanalista no auxílio do processo de tornar-se mãe e na cooperação para o estabelecimento de um vínculo saudável entre mãe e filho, bem como o papel desse profissional no contexto clínico com adultos que vivenciaram falhas ambientais durante a infância. Além disso, será fundamental para a reflexão acerca de conceitos e temas inesgotáveis de estudo.

Do ponto de vista do pesquisador, o interesse por este tema nasceu durante o meu processo de análise pessoal, enquanto estava sendo trabalhado a relação conflitiva entre eu e minha mãe. Essa relação apresentou-se conturbada desde a fase mais primitiva, tendo em vista que a gestação não foi tão tranquila devido à falta de apoio que minha mãe passou. Ao longo da minha vida existiram períodos de conflitos intensos, que melhoraram posteriormente com o passar do tempo e o meu amadurecimento. Por ser mãe solteira, minha mãe sempre se esforçou para exercer da melhor forma possível tanto a função materna quanto a paterna, buscando não deixar faltar nada, o que resultou, em alguns momentos, em um cuidado exagerado, mas também houveram falhas como a ausência da demonstração explícita de afeto. Isso, de certo modo prejudicou um pouco minha constituição subjetiva, acarretando consequências na minha vida adulta. Outro fator que contribuiu foi a minha preocupação com o aumento no número de casos de depressão materna, abandono e conseqüentemente relações entre mães e bebês esvaziadas de afeto. Esta preocupação baseia-se no sofrimento, percebido, de mães e filhos, e principalmente nas condições potencialmente favoráveis para acarretar prejuízos no desenvolvimento da criança e no seu relacionamento com outras pessoas.

A estrutura do presente trabalho conta, inicialmente com a introdução, sendo, posteriormente, dividido em três capítulos e finalizado com a conclusão.

No primeiro capítulo, apresentam-se as contribuições teóricas de Winnicott. Nessa parte, realizo uma introdução à biografia de Winnicott e ao seu pensamento, contextualizando o momento histórico e as influências que o autor sofreu. Em seguida, destaco suas concepções teóricas e clínicas, apresentando os principais conceitos de sua teoria. No segundo capítulo, encontra-se o relato do filme “Precisamos falar sobre Kevin”, no qual narro os principais dados da história clínica do caso de Kevin que foram significativos para a análise realizada no terceiro capítulo. Por fim, no terceiro e último capítulo, apresento a discussão do entrelaçamento entre as ideias winnicottianas e os dados clínicos apresentados na história fictícia do personagem Kevin.

1 INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO DE WINNICOTT

1.1 D. W. Winnicott

Para melhor compreender o pensamento winnicottiano, acho válido mencionar, nessa subseção, um pouco da biografia, do momento histórico e das influências teóricas do autor para, posteriormente, abordar os principais conceitos de sua obra.

Donald Woods Winnicott nasceu em 07 de abril de 1896, em Plymouth, Inglaterra, crescendo em uma propriedade rural. Filho caçula de uma família metodista, era o único menino cercado por duas irmãs. Foi educado sob condições favoráveis e teve uma infância feliz (OUTEIRAL, 2005).

Segundo Masud Khan (apud OUTEIRAL, 2005), Winnicott foi uma criança amável, acomodada e um aluno brilhante. De repente, aos nove anos, ao se olhar no espelho, julgou-se bonzinho demais e resolveu virar tudo de cabeça para baixo, fazendo uma enorme confusão nos cadernos e tornando-se um aluno de notas baixas. Aos 16 anos, ao fraturar a clavícula jogando, ele formulou o seu desejo de ser médico, pois não podia se imaginar dependente dos médicos por toda sua vida. Durante sua formação médica, contraiu um abscesso pulmonar e ficou três meses hospitalizado, concluindo que todos os médicos deveriam, pelo menos uma vez na vida, passar pelo hospital como paciente (OUTEIRAL, 2005).

Winnicott viveu no período “vitoriano”, ambiente sociopolítico caracterizado pela repressão à criatividade, à sexualidade e à espontaneidade, seguido por um período de grandes mudanças na sociedade inglesa, com movimentos sociais e políticos que permitiram uma revolução na ciência, na arte e na literatura (FERREIRA, 2002 apud JANUÁRIO, 2012). Participou das duas grandes Guerras Mundiais, tendo seu trabalho influenciado pelas mesmas, e formulou algumas de suas ideias durante esse período, baseado em suas observações sobre o funcionamento mental de pessoas envolvidas no conflito e em experiências traumáticas (OUTEIRAL, 2005).

Em 1919, Winnicott entrou em contato com a psicanálise para tentar compreender o motivo pelo qual não se lembrava de seus sonhos. Desde então, dedicou mais tempo à psicanálise e menos à pediatria. Iniciou sua formação

psicanalítica em 1923, sendo fortemente influenciado por Freud e Melanie Klein. A partir daí, passou a se preocupar com outras questões além da doença de seus pacientes, como por exemplo, com as necessidades físicas e psicológicas, com a importância de ouvi-los, assim como a importância do cuidado com os pacientes em estados regredidos e de dependência. Foi analisado primeiramente, por cerca de dez anos, por James Strachey e posteriormente por Joan Riviere. (JANUÁRIO, 2012).

Para Winnicott, ninguém poderia ser original senão baseado na tradição. Desse modo, ao desenvolver sua teoria, ele partiu do pensamento tradicional freudiano e se expandiu na linha percorrida por Ferenczi, Klein, entre outros (OUTEIRAL, 2005). Ao longo do tempo, ele passa a desenvolver sua teoria de forma cada vez mais criativa e independente de modo que se aproxima do chamado “Grupo do Meio” (JANUÁRIO, 2012).

Winnicott, ao elaborar sua teoria, utiliza uma linguagem acessível ao homem comum e apresenta como uma das características marcantes do seu pensamento o paradoxo e a sua atenção não apenas para o mundo interno como também para o ambiente externo. Para ele, é importante o contexto em que os fenômenos acontecem. Em todo seu trabalho, ele apresenta e reafirma que é impossível pensar o ser humano desconectado de seu meio e da sua relação com os outros (JANUÁRIO, 2012).

Foi muito produtivo tanto teoricamente quanto tecnicamente, tendo contribuído para a psicanálise com a teoria do desenvolvimento emocional, que introduz a noção de ambiente facilitador (mãe suficientemente boa) e a evolução da dependência à independência; do setting; do objeto; com a noção de holding, manejo e interpretação, dentre outras construções teóricas.

1.2 Os jogos e a clínica com crianças

Winnicott inicia sua vida psicanalítica partindo da psiquiatria para a psicanálise com crianças. No que diz respeito à clínica com crianças, Winnicott desenvolveu trabalhos inovadores utilizando jogos como o jogo da espátula (WINNICOTT, 1941) e o jogo do rabisco (WINNICOTT, 1971) e realizando uma psicanálise de acordo com a demanda, como no caso “*The Piggle*” (WINNICOTT, 1977).

Durante sua prática psiquiátrica com crianças, ele descobriu que a primeira entrevista merece um lugar especial, uma vez que, por si só, pode ser terapêutica, e então aos poucos foi desenvolvendo uma técnica que visava explorar todo o material dessa entrevista. Para distinguir esse trabalho da psicoterapia e da psicanálise utilizou a expressão “consulta psicoterapêutica”, que consiste em uma entrevista diagnóstica, fundada na teoria de que nenhum diagnóstico em psiquiatria pode ser feito, a não ser que passe pelo teste da terapia. A base para esse tipo de trabalho é um setting estritamente profissional, no qual o paciente tenha a capacidade de acreditar na obtenção de auxílio e de confiar naquele que oferece, ficando livre para explorar a oportunidade excepcional de comunicação que a consulta oferece (WINNICOTT, 1971/1984).

O jogo dos rabiscos foi um dos jogos criado por Winnicott (1971/1984). Surgiu do seu interesse pelo desenho combinado a uma habilidade de descobrir a forma mais apropriada para estabelecer uma comunicação com a criança, durante as consultas terapêuticas, convidando-a a brincar (ABRAM, 1996). Nesse trabalho, aquele que conduz a consulta deve ser capaz de propiciar uma relação humana movida pela naturalidade e liberdade no contexto do setting, enquanto o paciente vai se surpreendendo com a produção de ideias e sentimentos que anteriormente não haviam sido integrados à personalidade total. Talvez o trabalho mais importante a ser feito seja o da integração, que é possível graças a confiança estabelecida na relação profissional. Desse modo o papel de quem conduz a consulta é sustentar e participar do jogo, mas jamais através da dominação de quem conduz a consulta, a igualdade é fundamental, ou seja, a consulta consiste na interação de dois seres humanos iguais em sua condição humana (WINNICOTT, 1971/1984).

A técnica do jogo é simples e direcionada, com o objetivo de facilitar o brincar e o elemento surpresa. Conforme descreveu Winnicott (1971/1984, p. 232):

Em um momento apropriado após a chegada do paciente, digo à criança: ‘Vamos brincar de alguma coisa. Sei de que quero brincar e vou lhe mostrar.’ Existe uma mesa entre a criança e eu onde há folhas de papel e dois lápis. Apanho primeiro algumas das folhas dividindo-as ao meio, dando a impressão de que aquilo que estamos fazendo não possui qualquer importância, e logo digo: ‘Este jogo de que eu gosto tanto não possui regras. É só pegar o lápis e fazer assim...’. É bem provável que eu feche os olhos e faça um rabisco cego. Dou continuidade ao meu esclarecimento dizendo: ‘Me diga se isso se parece com algo ou se você pode transformar isso em alguma outra coisa. Depois irá fazer o mesmo comigo. Aí eu verei se posso fazer algo com o que você me mostrar.’

Winnicott ao utilizar o jogo do rabisco é absolutamente flexível, ficando livre para adaptar-se aos desejos da criança. Ao longo da brincadeira, a combinação desses desenhos vai ganhando cada vez mais importância e a criança sente estar tomando parte da comunicação dessa coisa tão importante (WINNICOTT, 1971/1984). Existe uma integração em cada rabisco oriunda da integração que faz parte do eu, é como se um “objeto fosse encontrado” e, a partir daí a criança elaborasse uma forma de expressar. Desse modo, os resultados obtidos com um rabisco são satisfatórios em si, pois Winnicott entende a natureza inconsciente dos rabiscos, semelhante a um lápis que desenha um sonho reproduzindo aspectos da relação precoce mãe-bebê (ABRAM, 1996).

Outro jogo utilizado por Winnicott (1941/2000), o qual dá início à sua teoria, foi o jogo da espátula, que consiste na observação da maneira pela qual o bebê responde a uma espátula reluzente colocada à beira de uma mesa e que está facilmente acessível. Winnicott destaca que pode ser observada na maioria dos bebês uma sequência de três estágios, estabelecidos de acordo com aquilo que o bebê opera com a espátula. Tal jogo era utilizado como um instrumento diagnóstico, pois o afastamento desses estágios indicava que algo não ia bem (ABRAM, 1996). Além de nos permitir observar o bebê, o jogo da espátula mostra que a maneira como as mães reagem à orientação dada revela algo sobre como elas são em casa, por exemplo se são ansiosas (WINNICOTT, 1941/2000).

De acordo com Winnicott (1941/2000), o comportamento do bebê no jogo da espátula passa por uma sequência normal de três estágios. No primeiro estágio, conhecido como período de hesitação, o bebê avança a mão para a espátula e então hesita, entrando em um dilema. O bebê ou fica com a mão repousada sobre a espátula e com seu corpo imóvel, olhando para o analista e para a mãe, observando e aguardando, ou, o que ocorre em poucos casos, ele retira completamente seu interesse da espátula. No segundo estágio, em vez de expectativa e quietude, aos poucos o bebê vai tomando coragem para que seus sentimentos se desenvolvam e, passa a ter autoconfiança e movimentos livres do corpo, relacionados com a manipulação da espátula de levá-la até a boca. Este estágio está associado com o sentimento de controle do bebê, seu sentimento de onipotência. Por fim, no terceiro estágio, o bebê começa por deixar a espátula cair como que por acaso. Se ela lhe é devolvida, fica contente, brinca com ela e a deixa cair novamente, mas dessa vez não

por engano. Quando ela lhe é restituída, ele a joga propositalmente, divertindo-se e entusiasmado por conseguir se livrar dela. O final do terceiro estágio vem quando o bebê ou pede para descer do colo da mãe ou se interessa por outro objeto.

O período de hesitação, embora normal, aponta para a ansiedade. O bebê hesita, não por causa de uma possível desaprovação dos pais (mesmo que de fato tenha a desaprovação), mas principalmente em função de seu esforço de elaborar a realidade da situação estruturada e de seu mundo interno pessoal. Ou seja, independentemente de a mãe ser raivosa e desaprovar o comportamento do bebê ou não, o bebê tem essa ideia em sua mente (fantasias apreensivas do bebê) e é isso que provoca a sua ansiedade. Como consequência, o bebê precisa inicialmente restringir seu desejo de pegar a espátula, avaliando o ambiente e somente se o mesmo resultar satisfatório é que o bebê retoma o seu desejo de pegar a espátula (ABRAM, 1996).

Winnicott (1941/2000), admite que a espátula representa várias coisas distintas. Além de representar o seio e o pênis, a espátula também representa pessoas. Sendo assim, durante o jogo da espátula, o bebê se encontra diante do triângulo edípico, tendo que administrar sua relação com duas pessoas simultaneamente. No primeiro estágio a hesitação indica um conflito, no segundo, a criança se apropria da espátula dominando-a conforme sua vontade ou usando-a como uma extensão do seu corpo e, no terceiro, o qual pode ser comparado ao jogo do carretel descrito por Freud, a criança procura dominar os seus sentimentos sobre a ausência da mãe, alcançando um reassseguramento quanto ao destino de sua mãe interna e quanto à sua atitude.

1.3 A teoria do desenvolvimento emocional de Winnicott

Realizada a contextualização da origem do pensamento winnicottiano e a introdução à sua teoria, entrarei agora na sua teoria do desenvolvimento emocional, abordando, posteriormente, suas principais contribuições teóricas e clínicas.

Na teoria do desenvolvimento emocional, Winnicott (1945/2000; 1956/200) enfatiza o meio ambiente como essencial no desenvolvimento saudável do bebê. Ao falar de ambiente, em Winnicott, inclui-se tanto o ambiente físico quanto os aspectos

emocionais necessários ao desenvolvimento do bebê. Desse modo, Winnicott fala que existe um ambiente não suficientemente bom, que distorce o desenvolvimento do bebê, assim como existe o ambiente suficientemente bom, que possibilita ao bebê amadurecer, alcançando, em cada etapa, as satisfações, ansiedades e conflitos inatos e pertinentes. Esse ambiente é representado pela mãe “suficientemente boa”.

Porém, o próprio Winnicott (1963/1983), ressalta que esta mulher também precisa de um ambiente suficientemente bom, que a acolha e lhe dê suporte para que ela, uma vez identificada com seu bebê, tenha condições favoráveis para adaptar-se às necessidades do mesmo. Esse apoio não precisa ser, necessariamente, do marido, podendo ser proporcionado também pelo ambiente familiar e social.

Esta mãe “suficientemente boa” é uma mulher grávida sadia e que naturalmente, semanas antes e após o parto, entrará em um estado psicológico que Winnicott (1956/2000) chamou de “preocupação materna primária”, o qual lhe dará condições psicológicas para adaptar-se sensivelmente às necessidades do bebê já nos primeiros momentos.

Winnicott (1956/2000, p. 401) define a preocupação materna primária como:

Gradualmente, esse estado passa a ser o de uma sensibilidade exacerbada durante e principalmente ao final da gravidez. Sua duração é de algumas semanas após o nascimento do bebê. Dificilmente as mães o recordam depois que o ultrapassaram. Eu daria um passo a mais e diria que a memória das mães a esse respeito tende a ser reprimida.

De acordo com Winnicott (1956/2000), a saúde do bebê, física e psicológica, depende da capacidade da mãe de ingressar e sair desse estado tão especial de ser, no qual ela é o bebê e o bebê é ela. Sendo assim, a mãe que desenvolve esse estado fornece um contexto para que a constituição do bebê comece a manifestar-se, de modo que as tendências ao desenvolvimento comecem a desdobrar-se e o bebê comece a experimentar movimentos espontâneos, tornando-se dono das sensações dessa etapa inicial da vida.

Se a mãe proporciona uma adaptação suficientemente boa às necessidades do bebê, a linha de vida do mesmo quase não é perturbada por reações à intrusão. Contudo, se a mãe falha, ela provoca fases de reação à intrusão e essas reações à intrusão interrompem o continuar a ser do bebê, gerando uma ameaça de

aniquilação. Ou seja, a base para o estabelecimento do ego do bebê é um suficiente “continuar a ser” não interrompido por reações à intrusão e isso só será possível se a mãe se encontrar no estado de preocupação materna primária (WINNICOTT, 1956/2000).

Somente quando a mãe está nesse estado sensível, ela é capaz de se sentir no lugar do bebê, e assim corresponder às suas necessidades. Essas são inicialmente necessidades corporais que gradualmente se transformam em necessidades do ego à medida que uma psicologia surge da elaboração imaginativa da experiência física. Começa a existir uma finalidade egóica entre a mãe e o bebê, da qual a mãe se recupera e a partir da qual o bebê posteriormente constituirá a ideia de que a mãe é uma pessoa (WINNICOTT, 1956/2000).

Abram (1996, p. 186) diz que “a preocupação materna primária constitui-se no primeiro ambiente especializado. Nesse estado a mãe é saudável, suficientemente boa e capaz de propiciar um ambiente facilitador no qual o bebê consegue ser e crescer. ”

Segundo Winnicott (1956/2000), o fornecimento de um ambiente suficientemente bom na fase mais inicial capacita o bebê a começar a existir, a experimentar, a construir um ego pessoal, a dominar os instintos e a enfrentar todas as dificuldades inerentes à vida. Todas essas coisas são sentidas como real pelo bebê que é capaz de ter um eu, que finalmente pode se dar ao luxo de sacrificar a espontaneidade, e até morrer. Esse eu individual tem como início um somatório de experiências tranquilas, motilidade espontânea e sensações, retornos da atividade para a quietude, e o estabelecimento da capacidade de esperar que tenha recuperação após as aniquilações.

1.3.1 *Constituição e funcionamento psíquico em Winnicott*

Winnicott (1963/1983), ao chamar a atenção para os estágios iniciais do desenvolvimento emocional da criança, relata que no início o bebê é completamente dependente da mãe e ao mesmo tempo independente, na medida em que existe tudo aquilo que é hereditário e inato, incluindo os processos de maturação. A evolução desse processo maturativo depende da provisão do ambiente. Contudo, a constituição psíquica do bebê não é feita pelos pais. Os pais iniciam o processo de

desenvolvimento, possibilitando à criança concretizar seu potencial. Desse modo, o que a criança se tornará foge ao controle de qualquer um, pois ela é influenciada por diversos aspectos: de um lado há a hereditariedade do bebê; de outro, o ambiente (cuidado materno) que pode apoiar, falhar e traumatizar; e no meio disso está o bebê vivendo, crescendo e acumulando experiências.

Conforme mencionado, esse desenvolvimento depende de um ambiente facilitador, cuja característica é a adaptação às necessidades cambiantes do bebê ao longo do processo de maturação. A mãe suficientemente boa, propiciará esse meio ambiente facilitador para que o bebê inicie o processo de desenvolvimento pessoal e real, o qual consiste em três processos (integração, personalização e realização) e ocorre em três períodos: dependência absoluta, dependência relativa e rumo à independência (WINNICOTT, 1945/2000).

Inicialmente, o bebê ao nascer é formado por um conjunto de pulsões e instintos não organizados, encontra-se num estado de dependência absoluta, não integrado, dependente totalmente dos cuidados maternos. Neste estado o bebê não possui consciência dos cuidados maternos e da provisão ambiental. Aqui, a mãe está devotada ao bebê, protegendo o vir-a-ser do seu bebê, lhe juntando os pedaços, ou seja, propiciando o ambiente facilitador para a integração desse bebê com a realidade interna e externa. A falta desse ambiente bom o suficiente com qualquer irritação ou falha de adaptação causará no bebê uma reação que quebra esse vir-a-ser (WINNICOTT, 1963/1983).

Winnicott (1963/1983) relata que esta adaptação sensível às necessidades do ego da criança dura pouco, pois em seguida vem a fase em que a mãe começa a retornar sua própria vida, promovendo uma desadaptação gradativa, e assim, gerando o desenvolvimento do bebê, que agora se adapta à falha gradual da mãe e à sua desadaptação.

As experiências físicas e emocionais, como o relacionamento do bebê com o seio, são situações proporcionadas pela mãe que podem resultar no primeiro vínculo estabelecido pelo bebê com um objeto externo, um objeto que é externo ao eu do ponto de vista do bebê, o que abre espaço para a experiência ilusória, na qual o bebê pode considerar ou como uma alucinação sua ou como um objeto pertencente à realidade externa. Essa área de ilusão, fruto do desenvolvimento da criança, abrirá caminho para uma relação maior com o mundo externo que aos poucos é apresentado

pela mãe, sendo possível um intercâmbio entre realidade interna e externa (WINNICOTT, 1945/2000).

O bebê está agora no período de dependência relativa e no processo de integração, ou seja, na fase em que o bebê passa a distinguir o eu e o não-eu. Há o começo da compreensão intelectual dos cuidados maternos e da provisão ambiental, surgindo a capacidade de espera por parte do bebê, assim como a capacidade de manter a mãe viva na mente enquanto a mesma está ausente, e a capacidade do bebê de identificar-se com sua mãe e de vê-la separada de si próprio. Há também o aumento da consciência do bebê de sua própria dependência da mãe e o surgimento de um espaço potencial (ABRAM, 1996).

Em seguida, temos o processo de personalização, no qual há a interação entre os aspectos da psique e do soma, de modo que a personalidade da criança se desenvolve passando a ser sentida como localizada dentro do próprio corpo (WINNICOTT, 1945/2000).

Conforme estas coisas vão se estabelecendo, o bebê desenvolve meios de passar sem o cuidado real, tornando-se gradativamente capaz de se defrontar com o mundo e todas as suas complexidades, por ver nele, cada vez mais, o que já está presente dentro de si própria. Esse estágio, o período rumo à independência, anuncia um desenvolvimento que irá se prolongar pelo resto de vida do bebê, tendo em vista que a independência nunca é absoluta. Desse modo, a criança se identifica com adultos, grupo social e a sociedade, porque a sociedade local é um exemplo do seu próprio mundo pessoal, bem como exemplo de fenômenos verdadeiramente externos. Nesse sentido se desenvolve uma verdadeira independência e a criança se torna capaz de viver uma existência pessoal que é satisfatória, se torna relacionada ao ambiente de modo interdependente (WINNICOTT, 1963/1983).

Por fim, temos o processo de realização, também conhecido como relação de objeto, no qual se estabelece a capacidade da criança de estabelecer relações com objetos, relações interpessoais, relação com o tempo e o espaço e capacidade de lidar com o mundo externo (WINNICOTT, 1945/2000).

Como vimos, o bebê, ao dar início à divisão entre eu e não-eu, abandonando o período de dependência absoluta para ingressar no período de dependência relativa, depara-se com as falhas naturais da mãe, que fazem com que

surja a angústia de separação na criança. Esta passagem necessária ao desenvolvimento conduz ao uso da ilusão, ao uso dos símbolos e ao uso de um objeto. A criança, para lidar com essa angústia, faz uso do objeto transicional, a princípio: o polegar, o punho, a fralda, o ursinho, para preencher estas lacunas. Esses objetos intermediadores vão servir como ponte entre o mundo interno e externo, ajudando na transição do bebê, do período de dependência absoluta, a dependência relativa e rumo à independência, bem como no processo de separação gradativo da mãe, estabelecendo um eu diferenciado do não-eu (WINNICOTT, 1951/1971/1975).

Introduzi os termos “objetos transicionais” e “fenômenos transicionais” para designar a área intermediária de experiência, entre o polegar e o ursinho, entre o erotismo oral e a verdadeira relação de objeto, entre a atividade criativa primária e a projeção do que já foi introjetado, entre o desconhecido primário de dívida e o reconhecimento desta. Por essa definição, o balbuceio de um bebê e o modo como uma criança mais velha entoa um repertório de canções e melodias enquanto se prepara para dormir, incidem na área intermediária enquanto fenômenos transicionais, juntamente com o uso que é dado a objetos que não fazem parte do corpo do bebê, embora ainda não sejam plenamente reconhecidos como pertencentes à realidade externa (WINNICOTT, 1951/1971/1975, p. 14).

Khan (2000), ressalta que o objeto transicional não é significativo por ser uma coisa; sua coisidade só é crucial porque ela ajuda a criança a sustentar uma realidade interna que se amplia e evolui, e a auxilia a diferenciá-la do mundo que não é o seu. Ao longo dos anos, o objeto transicional não é exatamente esquecido, apenas vai perdendo o sentindo, de modo que seu destino é o de ser gradativamente descatequizado, especialmente na medida em que se desenvolve os interesses culturais (WINNICOTT, 1951/1971/1975).

Além dos objetos transicionais, um fator extremamente importante para que o bebê faça gradativamente a transição do estado de não-integração para o de integração é a sustentação dada pela mãe. Desse modo, passo agora a discutir sobre as contribuições teóricas e clínicas de Winnicott. Primeiramente, abordarei as questões de holding, manejo e apresentação de objeto e, posteriormente, o verdadeiro e falso self.

1.4 Holding, manejo e apresentação do objeto

Todo esse processo de desenvolvimento emocional do bebê, visto anteriormente, só é possível com a presença de uma mãe suficientemente boa, ou

seja, aquela que entra no estado de preocupação materna, propicia um ambiente facilitador e desenvolve suficientemente bem as três funções maternas: holding, manejo e apresentação do objeto, possibilitando que a criança desenvolva seus potenciais. Winnicott, afirma que a qualidade desses cuidados maternos no início da vida do bebê é a responsável pela saúde mental do sujeito, pois livra-o da psicose (WINNICOTT, 1945/2000).

Às particularidades do cuidado materno, onde a mãe além de administrar cuidados físicos dá suporte e afeto ao bebê, Winnicott denominou de holding (ABRAM, 1996). De acordo com Januário (2012), o holding pode ser compreendido como acolhimento, contenção e sustentação. A mãe precisa se adaptar as constantes mudanças do bebê, de modo a acolher, conter e sustentar determinadas experiências por um tempo sem interromper a experiência do bebê. É função do holding suficientemente bom que o bebê se torne apto para desenvolver a capacidade de integrar a experiência e desenvolver um sentimento de “eu sou” (ABRAM, 1996).

De acordo com Safra (1995, apud JANUÁRIO, 2012), mesmo que o bebê tenha tendência ao que Winnicott denominou de desintegração, se houver holding, essa pode ser vivida como um relaxamento e um repouso, pois o holding fornece ao indivíduo a confiança na realidade e nos contatos humanos.

Esse suporte necessário contido no holding está conjugado com o que Winnicott chamou de manejo ou handling. Abram (1996), define que o manejo é o conjunto de comportamentos/cuidados da mãe que compreendem o holding do bebê. Safra (1995, apud JANUÁRIO 2012), explica que o manejo, ou seja, os cuidados dispensados pela mãe ao bebê, é caracterizado por fornecer um ambiente tranquilo e livre de invasões.

O toque, a forma como a mãe toca seu bebê nos cuidados maternos do dia-a-dia, faz parte do holding e se dá pelo manejo. O toque que é suficientemente bom inaugura uma psique que habita o soma, ou seja, a personalização, o que significa que o bebê passa a sentir, devido ao toque amoroso, que seu corpo constitui-se nele mesmo e/ou que seu sentimento de self centra-se no interior de seu próprio corpo (ABRAM, 1996).

Vimos que a mãe ao cuidar do bebê, durante o processo de desenvolvimento, oferece o holding e o manejo. Contudo, faz-se necessário, também,

oferecer a apresentação de objeto, que consiste na apresentação da realidade externa, de modo a possibilitar que o bebê agora integrado e personalizado, ou seja, tendo um self como unidade e reconhecendo a mãe como um outro, seja capaz de estabelecer relações interpessoais e de lidar com o mundo externo (WINNICOTT, 1945/2000).

1.5 Verdadeiro e falso self

Para Winnicott, o termo self apresenta-se essencialmente como uma descrição psicológica de como o indivíduo se sente subjetivamente, sendo o “sentir-se real” o que coloca no centro do sentimento de self. Desse modo, o self é composto por diferentes aspectos da personalidade que constituem o eu, uma forma distinta do não-eu, de cada pessoa (ABRAM, 1996).

Winnicott, ao elaborar o tema realidade interna, propõe que o estado de não-integração primária se refere especificamente ao estado do self potencial do bebê. Assim, o self não existe até que haja uma tomada de consciência, o que acentua o sentimento na existência do self. Para que essa consciência do self possa ser estabelecida o bebê, a partir do estado de não-integração primário, precisa passar pelo processo de integração, personalização e realização (ABRAM, 1996).

Assim que ocorre essa organização mental por parte do indivíduo, surge o verdadeiro self, o qual, durante os estágios iniciais, apresenta-se como uma posição teórica a partir da qual surge o gesto espontâneo e as ideias pessoais. O gesto espontâneo é o self verdadeiro em ação. Apenas o self verdadeiro pode ser criativo e sentir-se como real. Considerando que o verdadeiro self sente-se real, a existência de um falso self resulta em um sentimento de irrealidade ou de inutilidade. O falso self, que é uma organização psíquica de defesa, em sua função, oculta o verdadeiro self ou então descobre um modo de fazer o self verdadeiro começar a existir (WINNICOTT, 1960/1983).

A etiologia do falso self situa-se na relação precoce mãe-bebê, sendo o papel da mãe de fundamental importância. Se a mãe oferece um ambiente suficientemente bom, ou seja, depara-se com a onipotência do bebê e de algum modo dá sentido a ela, um verdadeiro self passa a existir através do fortalecimento do ego

frágil do bebê por meio da implementação operada pela mãe de suas expressões onipotentes. Por outro lado, se o bebê não encontra um ambiente suficientemente bom para o processo de integração de si, ele precisa se organizar defensivamente, criando um falso self, ou seja, uma organização de si mesmo falsa e cindida em que o si mesmo se apresenta falseado, o qual encobre o verdadeiro self esperando melhores condições ambientais para vir a se desenvolver. Sendo assim, o verdadeiro e o falso self são importantes para a constituição do sujeito, ajudando-o a suportar as falhas de holding e manejo através do falso self com sua função defensiva que auxilia na constituição mental saudável do indivíduo (WINNICOTT, 1960/1983).

2 PRECISAMOS FALAR SOBRE O KEVIN

Precisamos falar sobre o Kevin é uma adaptação cinematográfica de um romance de ficção escrito por Lionel Shriver. O filme foi dirigido pela escocesa Lynne Ramsay e filmado em New York e em Stamford, no estado de Connecticut, nos Estados Unidos.

O filme retrata a história de Eva, uma mulher casada, independente, dotada de uma personalidade aventureira que vivia viajando pelo mundo, sem muitos compromissos ou preocupações, que repentinamente descobre uma gravidez inesperada, mas desejada pelo marido. O filme ilustra o ambiente familiar de Eva, a relação que a mesma tem com o marido e os filhos, em especial a relação com o filho Kevin, a qual não é muito interativa desde a gravidez, se tornando mais complicada com o passar do tempo. Ao longo do filme as cenas são apresentadas em fragmentos desordenados cronologicamente, mostrando momentos descontínuos das memórias de Eva.

2.1 A história de Kevin

A história de Kevin se inicia durante a gestação de Eva, a qual demonstra-se desconfortável, apática e indiferente à maternidade, sempre com uma aparência muito impaciente e cansada, não demonstrando afetividade alguma com o bebê que está em sua barriga.

O parto aparece como um momento extremamente difícil e sofrido, ela reluta muito à chegada de seu filho, sua reação com o bebê é de distanciamento e rejeição. Logo após o nascimento de Kevin, Eva encontra-se impossibilitada de segurá-lo no colo e até mesmo de olhar para ele. Desse modo, foi o pai quem estabeleceu o primeiro contato físico e afetuoso com Kevin, segurando-o no colo tentando acalmá-lo.

O bebê em casa chora muito e Eva se encontra incapaz de acolhê-lo e identificar o que ele precisa. As cenas do filme mostram sua falta de habilidade para cuidar do filho, de acalmá-lo, niná-lo, enfim, de fazê-lo parar de chorar. Há uma cena

na qual Eva segura seu bebê distante de si, chacoalhando-o para cima e para baixo, em um esforço enorme para não sucumbir ao sofrimento e à raiva de não saber o que fazer. Em seguida vai à rua e para o carrinho de bebê ao lado de uma britadeira, na tentativa de que o choro do bebê desaparecesse entre o barulho. Já o pai, quando segura o Kevin, o acolhe em seus braços com amor, dá colo com carinho e ele não chora.

Toda essa inabilidade de Eva aparece claramente ao longo de toda a infância de Kevin, de modo que ela não consegue estabelecer um diálogo com Kevin, nem mesmo durante as brincadeiras. Eva senta ao chão de frente para Kevin, tentando brincar com ele de empurrar a bola um para o outro. Com uma afeição séria ela joga a bola e pede para que ele jogue de volta, mas Kevin não interage à brincadeira, não apresenta nenhuma resposta aos comandos, até que em uma das tentativas ele joga a bola de volta, ela se empolga e esse é o único momento em que ela apresenta um sorriso e fala com ele de uma forma mais feliz e incentivadora devolvendo a bola e dizendo para ele jogar de volta, mas Kevin volta a não reagir.

A relação entre Kevin e sua mãe se mostra sempre muito distante, conflituosa e inafetiva. Kevin mostra-se uma criança apática, fria, indiferente e provocativo com a mãe, tendo uma relação hostil com a mesma. Em contrapartida, sua relação com o pai é amigável. Kevin e o pai conseguem estabelecer um vínculo e ter uma relação interativa, brincando juntos de jogar vídeo game.

Kevin apresenta um atraso na linguagem. Eva chega a leva-lo ao médico, achando que o mesmo poderia estar com algum problema na audição e/ou estar demonstrando sinais precoces de autismo. O médico diz que está tudo normal com Kevin. Sendo assim, não parece ser um problema específico e sim um interesse em não se comunicar. Kevin faz tudo que pode para chamar a atenção da mãe. Nunca sofreu nenhum trauma evidente, o que mostra, desde o início, que seu problema está relacionado com a mãe, supostamente devido à falta de habilidade na função materna.

Eva revidava as provocações do filho, ao ponto de falar para ele que era muito feliz antes dele nascer; de dar um tapa na mão dele quando o mesmo fazia barulho atrapalhando a conversa dela com o pai; de quebrar seu brinquedo após o mesmo pintar as paredes do quarto dela. Franklin, por sua vez, desempenhava o papel de conciliador, pacificando os conflitos entre eles.

Um fato importante é que Kevin, com aproximadamente 6 anos ainda não tinha o controle dos esfíncteres, fazendo uso de fraldas. Ele deixa de usar fraldas somente após um episódio onde faz, intencionalmente, sua mãe trocar sua fralda diversas vezes, uma seguida da outra e Eva, ao perceber isso, acaba jogando-o contra a parede, machucando-o em seu braço esquerdo, tendo que levá-lo ao hospital. Após o ocorrido, mostra-se culpada e no caminho de volta para casa diz com muita dificuldade que o que ela fez foi muito errado e que sente muito, mas não consegue pedir desculpa e nem ter qualquer tipo de contato físico com o filho. Ao chegar em casa, Franklin pergunta para Kevin o que houve e ele mente dizendo que caiu do trocador enquanto Eva lhe trocava. Kevin a partir desse momento para de usar fraldas e Eva passa a ficar submissa às decisões do filho.

O tempo se passa e Eva engravida da sua filha Célia. Tal acontecimento conturba ainda mais a relação mãe e filho e se estende durante toda a infância até a adolescência de Kevin. Eva parece estar mais preparada para a segunda gravidez, que fica evidente através das cenas em que ela segura a filha no colo e fala de modo carinhoso com a mesma. Isso parece desagradar mais ainda o Kevin, que apresenta comportamentos agressivos com a irmã desde quando a mesma era um bebê de colo.

A relação entre Eva e Kevin melhora um pouco, quando o mesmo fica doente, como se vê na cena em que Eva está lendo uma história para Kevin e ele deita em seu colo, em seguida o pai abre a porta do quarto e Kevin pede para ele se retirar para que possa ter um momento só com a mãe. Ambos ficam surpresos com essa atitude de Kevin. Mas essa boa relação não dura muito tempo e logo volta a ser hostil.

2.2 A adolescência de Kevin

Durante a adolescência Kevin permanece se comportando de modo aversivo e provocativo com a mãe, por outro lado, mostra-se exemplar e afetuoso com o pai. Além disso, Kevin é também provocativo e agressivo com a irmã. Kevin desenvolve um talento na prática de arco e flecha, por incentivo do pai durante a infância que perdurou durante a adolescência. Um fator interessante é que Kevin, na

adolescência, costumava vestir as mesmas camisetas que usava quando era criança, por mais que ficassem justas e pequenas.

Eva tenta se aproximar do filho, busca estabelecer um diálogo com o mesmo, o convida para sair e fazer alguma coisa juntos para distrair, mas Kevin repudia todas as tentativas de demonstrações de afeto, retribuindo com sarcasmo, ofensas e constantes agressões, através de comportamentos como devorar um frango antes de sair para jantar com a mãe só para passar o jantar sem comer nada; responder rispidamente as perguntas da mãe e gravar um CD escrito eu te amo só para infectar o computador da mãe com vírus.

Kevin é igualmente agressivo com sua irmã. Fala grosseiramente com a garota, xinga-a de idiota e retardada e chega a provocar um “acidente doméstico” onde ele deixou o filtro da pia da cozinha que estava com ácidos aberto e Célia acabou ferindo seu olho esquerdo. Enquanto Eva e Franklin esperam a filha no hospital, Eva fala para Franklin sobre sua desconfiança de que o Kevin havia tirado este filtro propositalmente. Franklin reluta contra isso defendendo o filho e diz que Eva precisa conversar com alguém.

Após passar algum tempo Eva e Franklin voltam a conversar sobre a necessidade de buscar algum tipo de solução para esses comportamentos agressivos de Kevin. Durante tal conversa Kevin ouve a decisão dos pais de o afastarem por um tempo do convívio familiar. O pai tenta se justificar dizendo que o filho não sabia o contexto da conversa e que por isso poderia entender equivocadamente, mas o filho revida, dizendo saber que o contexto é sempre ele.

Os comportamentos de Kevin apontam muitos indícios de que existe algo errado com ele, mas isso parece passar despercebido por seus pais. A mãe frequentemente revida aos comportamentos de Kevin, tratando como uma implicância pessoal, e o pai por não conseguir acreditar nisso, acaba sendo omissos. Kevin compra uma série de travas para bicicletas pela internet, mesmo não tendo bicicleta. Quando é questionado por seus pais a respeito da quantidade de travas sendo que ele nem tinha bicicleta ele mente dizendo que comprou porque estavam baratas e iria revendê-las na escola para obter lucro. Os pais acreditam, não investigam e nem suspeitam de nada.

Kevin, no dia do seu aniversário em que completava 16 anos, vai para a escola onde estudava e leva seu arco e flecha e as travas de bicicleta que havia comprado. Ao chegar à escola, conforme ia passando pelas portas as fechava com as travas. Reuniu os colegas, professores e funcionários no ginásio da escola e começou a atirar neles com seu arco e flecha, matando algumas pessoas e deixando outras gravemente feridas. Kevin, no ginásio vazio, levanta seus braços e inclina seu corpo como se estivesse agradecendo aos aplausos da plateia por um ato grandioso. Ao final, sai de dentro da escola e se entrega a polícia. Kevin apresentava uma expressão de satisfação, como se tivesse cumprido sua missão, sendo olhado por sua mãe e todos da cidade em que morava.

Kevin é levado pela polícia e Eva desesperada segue para casa para encontrar-se com seu esposo. Quando entra em casa não encontra Franklin e Celia e então se dirige até a varanda e se depara com seu marido e sua filha mortos na grama de casa. Ambos estavam com flecha no corpo, revelando que Kevin havia matado seu pai e sua irmã. Kevin fica preso. Eva passa a morar em uma casa sozinha e vive em condições precárias, sendo rechaçada e agredida verbal e fisicamente por todos da cidade devido ao acontecido. Preparou um quarto para quando Kevin saísse da prisão, que era igual ao que ele tinha quando criança, e assim o aguardava sair da prisão.

Durante as visitas que Eva fazia à Kevin na prisão os dois praticamente não se falavam, predominando o silêncio e os olhares. Em um dado momento, Eva diz para Kevin que ele não parece feliz e ele responde perguntando se ele já havia sido feliz. Eva o questiona sobre o que havia acontecido, se foi o fato de ter ido para uma escola grande que o tinha deixado nervoso. Eva menciona que já haviam se passado dois anos de prisão, sendo tempo o bastante para pensar e que então ela queria saber o motivo pelo qual ele cometeu tal ato. Kevin responde dizendo que achava que sabia, mas que agora não tinha certeza. O agente penitenciário interrompe avisando que o tempo de visita havia acabado. Eva o abraça e vai embora.

A história de Kevin só foi contada até os seus 18 anos, quando ele ainda está preso e o filme termina justamente com Eva saindo da prisão após visitar o filho e conseguir ter uma breve conversa com ele. Mas o marco é que o filme acaba e de fato nunca falaram sobre Kevin.

3 ANÁLISE DO FILME A PARTIR DAS IDEIAS DE WINNICOTT

A escolha do filme ocorreu pelo fato de ser um filme que retrata muito bem a temática do presente trabalho. Já que ilustra a relação mãe-bebê, mostrando o quanto essa relação é fundamental para o processo de constituição do bebê e exemplifica o modo como a criança vivenciou e internalizou tal relação e quais foram as consequências disso para o desenvolvimento da mesma. Desse modo ao observar a relação entre Eva e Kevin retratada no filme podemos ter uma noção da relevância dessa relação para o desenvolvimento dos bebês na vida real.

Outro fator que me despertou o interesse em escolher o filme Precisamos falar sobre Kevin foi justamente a necessidade de se construir um espaço de fala, porque por mais que no título diz que é preciso falar sobre o Kevin acaba que não se fala. E realmente é preciso sim falar sobre o Kevin, mas também sobre Eva, sobre a dificuldade de ser mãe e até mesmo sobre o desejo de não ser mãe, de modo a desconstruir um pouco a ideia de maternidade perfeita e quebrar o julgamento de que tudo é culpa da mãe. Até mesmo porque, uma vez que essa mãe é fundamental no processo de constituição do bebê é extremamente importante evidenciar o quanto ela precisa ser ouvida e acolhida, ter um ambiente de apoio, espaço de fala e de estar bem amparada para conseguir desenvolver sua função materna.

A história de vida do personagem Kevin se inicia na gestação da personagem Eva. Uma mulher livre e independente, que não tinha o desejo de se tornar mãe, por achar que isso poderia prejudicar sua vida profissional. No momento em que Eva descobre que está grávida sua vida parece começar a desmoronar.

Winnicott (1960/1983) diz que as mulheres quando estão prestes a ter um bebê passam por algumas mudanças que vão além das mudanças fisiológicas. A mulher muda em sua orientação sobre si mesma e sobre o mundo. Logo após a concepção, ou quando já se sabe que a mesma é possível, a mulher começa a mudar sua orientação e a se preocupar com as mudanças que estão ocorrendo dentro dela. Nota-se que Eva não passou por esse processo de mudanças psicológicas, uma vez que ela não modifica sua forma de pensar, não passa a se preocupar com o bebê que está se desenvolvendo dentro dela, permanecendo-se mais voltada para a

preocupação de que a gestação poderia comprometer seus planos de viajar o mundo e afetar sua carreira profissional.

Já com alguns meses de gravidez, Eva demonstra-se sem envolvimento emocional com a gestação. Na cena em que Eva está em uma aula de Yoga para grávidas, nota-se que enquanto as outras mães curtem esse momento especial, ela está entediada e sem saber como lidar com sua gestação. Não acaricia sua barriga, suas mãos estão frequentemente apoiando as costas mostrando seu incômodo. Essa falta de contato com o próprio corpo é mais um fator que ilustra a não inserção de Eva no processo de mudanças decorrentes da gestação.

De acordo com Winnicott (1960/2011), a criança é associada pela mãe à ideia de um “objeto interno”, um objeto imaginado para ser instalado dentro de si e mantido ali apesar de todos os elementos persecutórios, que surgem junto com a gravidez, de modo que predomina nela a vontade e capacidade de desviar o interesse do seu próprio self para o bebê. Podemos perceber a falta da própria construção da maternidade de Eva, ou seja, a falta dos planos e idealizações feitos em relação ao seu primeiro filho, bem como a falta de contato e de elaboração com o bebê imaginário, sonhado ou desejado.

De acordo com Winnicott (1966/2002; 1956/2000), ao final da gravidez e semanas após o parto, a mãe entra em uma fase que ela é o bebê e o bebê é ela. Isso ocorre, pois, a mãe possui as lembranças de ter sido um bebê e de ter sido cuidada. Contudo tais lembranças podem tanto auxiliar como prejudicar sua experiência como mãe. Essas lembranças são inconscientes e é através delas que a mãe se torna devotada e ingressa no estado de preocupação materna primária, ou seja, a mulher grávida saudável entra em um estado de sensibilidade intensa, quase uma doença, de identificação com seu bebê.

Nesse sentido, podemos perceber que Eva não conseguiu entrar no estado de preocupação materna primária, uma vez que ela não consegue se identificar com o bebê, estabelecer um vínculo, saber como o bebê se sente. Desse modo, ela não consegue promover o que o bebê necessita em termos de holding e provisão do ambiente de modo geral, ela não se adapta às necessidades do bebê (WINNICOTT, 1960/1983).

Por não ter adquirido esse estado de sensibilidade, Eva acabou não propiciando um ambiente suficientemente bom. Essa falha materna de Eva, por provocar ameaças de aniquilação do eu do bebê, gerou fases de reação à intrusão atrapalhando o “continuar a ser” de Kevin, ou seja, Kevin ficou incapacitado de começar a existir, de ter experiências pessoais, constituir seu ego, de dominar seus instintos e de se defrontar com as dificuldades da vida. Nesse estágio primitivo, tal falha foi percebida por Kevin como uma ameaça à existência pessoal do eu, e não como falha da mãe (WINNICOTT, 1956/2000).

O estado de fragilidade emocional materna de Eva leva ao distanciamento afetivo da criança. O pai consegue estabelecer uma relação afetiva com o filho, mas ele não consegue estabelecer um holding, enquanto função paterna para que a mãe pudesse desempenhar suas funções maternas, seja até mesmo levando essa mãe para um acompanhamento psicológico, visto sua nítida apatia, agressividade, falta de identificação e sofrimento emocional. Diante disso, fica visível a impossibilidade da mãe de desempenhar de forma satisfatória e saudável as funções maternas, descritas por Winnicott (1960/1983) como holding, manejo e apresentação de objetos.

Observamos esses fenômenos nas seguintes cenas: 1) Quando Franklin balançando a cadeirinha do bebê, que ainda estava na barriga da mãe, fala sorrindo e contente para a esposa: “nós fizemos”, e ela mostra-se totalmente descontente e inafetiva com a gestação; 2) A cena do parto, na qual Eva resiste ao nascimento do filho, parecendo querer evitar a chegada do mesmo, sendo preciso que as enfermeiras pedissem à Eva para parar de resistir; e 3) O momento em que Eva, ainda no hospital, após o nascimento de Kevin, encontra-se incapaz de fornecer holding para o bebê, de modo que é o pai quem segura esse bebê no colo, tentando acalmá-lo.

Kevin constantemente apresenta um chorar nervoso. Contudo, Eva não consegue identificar e realizar as necessidades do seu bebê. Ela se apresenta impaciente e sem preparos para lidar com o choro de Kevin. Não dá conta de acalmá-lo por diversas vezes e passa a ignorá-lo. Podemos notar o seu despreparo na cena em que Kevin está chorando e Eva não consegue sustentar esse bebê e embalá-lo em seus braços garantindo-lhe uma segurança, e então o segura distante de si, chacoalhando-o para cima e para baixo. A irritabilidade de Eva com o choro do bebê é tanta que ela sai para passear com ele na rua e estaciona seu carrinho ao lado de uma construção para que o barulho das britadeiras amenize o choro.

Ao longo do desenvolvimento de Kevin, Eva continua com a mesma aparência apática e cansada da gravidez, o que mostra mais uma vez a falta de identificação consciente e inconsciente com o seu bebê. Já o pai parece ter conseguido estabelecer uma relação melhor com o filho, tendo em vista as cenas em que o pai aparece segurando o filho no colo, embalando-o com balanço, sorrindo e conversando com jeito manhês.

Porém, Franklin não é capaz de perceber que há algo estranho com Kevin e na sua relação com Eva. Em um momento do filme Franklin fala para Eva que Kevin está bem, que ela só precisa acalenta-lo um pouquinho e ela, incomodada com sua falta de compreensão, o questiona se ele acha que ela está exagerando. Isso nos mostra a dificuldade de Franklin em perceber que Eva precisava de ajuda para desempenhar o seu papel de mãe, e que ele estava falhando na sua função por não conseguir propiciar um ambiente de apoio para que ela pudesse ao menos falar sobre seu sofrimento emocional.

Percebemos também a ausência de comunicação entre mãe e filho desde a infância com a impossibilidade do estabelecimento de um brincar compartilhado entre eles. Aqui retomamos a ideia de Winnicott (1975) de que o brincar não é uma experiência dada e sim uma conquista no desenvolvimento emocional; é universal e faz parte da saúde, facilita o crescimento, origina as relações grupais e pode ser uma forma de comunicação. Mas, na relação de Eva e Kevin não foi possível qualquer vinculação e possibilidade de estabelecer esse brincar de forma criativa e espontânea, que favorecesse uma troca afetiva, que servisse de elo e de comunicação entre mãe e filho.

Durante o brincar nos estágios mais primitivos até a comunicação nos estágios mais avançados, Kevin está constantemente provocando sua mãe, como uma forma de testar sua tolerância. Eva, por sua vez, não consegue tolerar os ataques agressivos de Kevin e por vezes revida na mesma proporção de agressividade. Isso fica evidente na cena em que ela diz para Kevin que ela era feliz antes do pequeno Kevin nascer. Winnicott (1945/2000) ressalta que essa falta de tolerância do ambiente à agressividade do bebê faz com que ela oculte o seu self cruel, dando lugar a uma dissociação, isto é, uma não integração.

No relacionamento entre Eva e Kevin predominou-se a hostilidade e a agressividade. Para Winnicott, a agressão no indivíduo, inicia-se em seu próprio

interior e é sinônimo de atividade e motilidade. Essa agressão modifica suas características à medida que o bebê cresce. Na teoria da agressão de Winnicott é o ambiente externo que exerce influência sobre o modo com que o bebê irá lidar com sua agressão inata (ABRAM, 1996).

Para melhor compreensão da raiz da agressividade e destrutividade, vale mencionar que segundo Winnicott (1968/1975), inicialmente o bebê se relaciona com o objeto, ou seja, vive em um mundo feito de projeções e objetos subjetivos, e posteriormente, em função do processo de maturação, o bebê passa para o uso de um objeto, que deve ser necessariamente real e fazer parte da realidade compartilhada. Para usar um objeto, o bebê precisa ter desenvolvido a capacidade de usar objetos, uma vez que a mesma não é inata ao sujeito. Para o desenvolvimento dessa capacidade faz-se necessário um meio ambiente propício. Entre a transição do relacionamento de objeto para o uso do objeto, o bebê destrói o objeto ao expulsá-lo para fora do seu controle onipotente e percebê-lo como fenômeno externo, com isso, pode-se ter ou não a sobrevivência do objeto à destruição pelo bebê, somente com a sobrevivência do objeto, o bebê passa a reconhecer esse objeto não mais como projetivo e sim como uma entidade em si, podendo agora usar o objeto que sobreviveu.

Sendo assim, podemos dizer que na experiência de destruição do Kevin o objeto não sobreviveu, ou melhor dizendo, reagiu aos ataques, não existiu, pois como foi mencionado, a relação entre Eva e Kevin nunca existiu, o que acarretou na ausência de alguém para suportar os ataques destrutivos de Kevin, impossibilitando que o mesmo tivesse a experiência da raiz da agressão, provocando a falta inconsciente da fantasia de destruição do objeto. Sendo assim, a destruição de Kevin atuou, mostrando uma agressão que não pôde integrar-se à personalidade e permanece dividida.

Diante do que já foi exposto, pode-se pensar que Kevin teve afetado seus processos de integração, personalização e realização. Tendo em vista que, durante sua infância, apresenta-se como uma criança dissociada, que não está constituída em si e sem capacidade de estabelecer relações com o mundo externo.

Há uma cena no filme em que Eva, ao pintar seu quarto, diz para Kevin: “todo mundo precisa ter o seu espaço, você tem o seu, este é o da mamãe. Se quiser eu posso ajudar a tornar o seu especial”. Kevin questiona o que ela queria dizer com

especial e ela responde: “fazer com que tenha a sua personalidade”. Kevin então pergunta: “Que personalidade?”. Eva, já um pouco irritada, responde dizendo: “acho que você me entendeu” e Kevin se expressa dizendo que isso era uma idiotice. Em seguida, Kevin pega uma arma de brinquedo, enche de tinta e pinta as paredes do quarto de Eva. Ela enraivecida quebra a arma dele pisoteando.

Essa falta de apresentação do mundo externo, de um espaço potencializador para criar e se constituir, nos faz concordar com Winnicott (1960/2011) de que o desenvolvimento, sucintamente, consiste na herança de um processo de maturação, e da acumulação de experiências de vida, mas o mesmo só pode ocorrer num ambiente facilitador, já que as atitudes e os comportamentos disruptivos que Kevin desenvolve na infância e adolescência são influências desse meio ambiente que não foi suficientemente bom.

Outro fato importante é o nítido atraso no desenvolvimento emocional de Kevin, desde o atraso do desenvolvimento da linguagem, a impossibilidade de brincar de forma criativa e espontânea e o atraso na retirada das fraldas. Kevin, com aproximadamente seis anos, ainda usava fraldas por não ter o controle dos esfíncteres. Esse parecia ser um jeito de controlar a mãe e ter sua atenção, mas também é a forma que expressa as provocações e desabafos de rejeição que a mãe constantemente faz. Isso tudo já era uma denúncia das falhas ambientais e das dificuldades emocionais pelas quais a criança passava.

Kevin parece perceber as falhas da mãe, inclusive sente que a mesma não gosta dele ao afirmar “não se gosta de uma coisa por estar acostumado, você está acostumada comigo”.

Nesse contexto de falhas, cabe mencionar que Eva não foi a única que falhou. Franklin falhou enquanto marido ao não conseguir propiciar um ambiente facilitador para Eva se sentir amparada e segura para desenvolver as funções maternas, assim como foi omissor por não escutar quando a mesma tentou conversar com ele sobre a sua dificuldade de ser mãe, seus sentimentos de ambivalência com a maternidade e sobre os comportamentos de Kevin. Por mais que tenha conseguido estabelecer uma relação afetuosa com Kevin, Franklin também apresentou falhas na função paterna por naturalizar os comportamentos de Kevin e não conseguir perceber seu sofrimento oriundo das falhas ambientais. Eva também se encontrou

desamparada com relação a sua mãe, ela não esteve presente nesse momento de fragilidade para fornecer um apoio.

Eva precisou lidar com seu sentimento de amor e ódio pelo filho, suas dificuldades de ser mãe e se relacionar com ele, sozinha, sem contar com um espaço para ser ouvida e acolhida, e muito menos com o ajuda de um profissional, potencializando assim o seu sofrimento e dificuldade de ser mãe.

Assim, podemos mencionar a dificuldade de comunicação entre a família e ressaltar a importância de um espaço de fala tanto para Eva quanto para Kevin. No filme Eva manda uma mensagem para o marido dizendo que precisam conversar sobre o Kevin, porém essa conversa nunca acontece, o que mostra que ela não teve espaço para falar sobre suas dificuldades em desempenhar o papel de mãe, assim como Kevin também não teve um espaço para falar dos seus sentimentos perante as falhas ambientais.

Em um outro momento, Eva engravida e isso complica ainda mais a relação com Kevin, que parece não ficar muito satisfeito com a novidade, já que ao notar que a mãe estava grávida reage dizendo, com uma expressão de raiva, que a mamãe é gorda. Nessa segunda gravidez, Eva parece ter entrado no estado de preocupação materna primária, tendo em vista que consegue se identificar com a criança, estabelecer um relacionamento mais afetivo com a mesma e desempenhar as funções maternas. Por outro lado, isso causa um distanciamento maior entre Eva e Kevin, pois o mesmo percebe que a mãe possui com a irmã o relacionamento que o mesmo idealizava e nunca teve. Isso faz com que Kevin mantenha um relacionamento agressivo com a irmã.

Na adolescência, Kevin segue brincando de arco e flecha assim como fazia na infância e ganha um arco e flecha de qualidade profissional. Kevin, não possui muitos amigos e passa a maior parte do tempo sozinho, seja em casa ou na escola. Além de seus comportamentos agressivos, há os disruptivos, antissociais e perversos. Essa série de comportamentos encontram-se evidenciados nas cenas do filme em que ele some com o animal de estimação da irmã, provoca um acidente em que a irmã perde o olho e por fim mata seus colegas, professores, seu pai e sua irmã com seu arco e flecha. Isso mostra que, de acordo com Abram (1996), em um ambiente de privação a agressão pode vir a se tornar carregada de violência e destruição.

De acordo com Winnicott (1956/2000), a tendência antissocial é uma demonstração de esperança. A falta de esperança é característica de uma criança deprivada, que não se sente livre e torna-se ansiosa. Uma criança torna-se deprivada quando é destituída de algum aspecto essencial de sua vida em família, ou seja, perde algo bom, de caráter positivo em sua experiência até um dado momento, começando a se manifestar um complexo de de-privação. Desse modo, a criança como no caso de Kevin, em que o ambiente falha em lhe propiciar o sentimento de segurança, e que tem esperança, procura num contexto mais amplo a estabilidade de que necessita para superar as primeiras e essenciais etapas do seu desenvolvimento emocional.

Para o autor, o comportamento antissocial é produto de uma comunicação inconsciente. Caso a comunicação inconsciente do ato antissocial da criança não seja compreendida pelo ambiente, seu comportamento antissocial tende a se desenvolver em direção à delinquência. Nem todos os casos de tendência antissocial tornam-se delinquência, mas no caso de Kevin, nota-se que suas tendências antissociais levaram à delinquência. Encontramos isso no filme ao nos depararmos com um ambiente que não tolera as agressões primárias de Kevin, não o propicia um espaço para criar e ser livre, assim como, também não conseguem perceber o que Kevin, inconscientemente, queria dizer com seus atos antissociais. Ao ponto que, por não conhecerem as raízes do sofrimento psíquico de Kevin, não são capazes de promover um ensino sutil da ideia de certo ou errado, ou até mesmo buscar um tratamento e uma reabilitação apropriados para Kevin, propiciando condições para lhe tornar capaz de ver as coisas como confiáveis, e acabam sendo punitivos, o que serve somente para gerar uma submissão e o desenvolvimento de um falso self (WINNICOTT, 1963/1983).

O que acontece com a criança em termos de falha do ambiente acarretará efeitos sobre o sentimento de deprivação. Como vimos a tendência antissocial é a esperança de uma criança que sofreu uma perda. Segundo Winnicott (1963/1983), essa tendência antissocial desenvolve na criança uma esperança de encontrar uma forma de preencher essa lacuna, que é uma quebra da continuidade da provisão ambiental, que acaba resultando na suspensão dos processos de maturação e em um estado clínico confusional na criança. Winnicott, afirma que a perversidade faz parte do quadro clínico produzido pela tendência antissocial e só desaparece quando essa lacuna é preenchida.

Diante do que já foi exposto no presente trabalho, podemos inferir que os comportamentos destrutivos e perversos de Kevin tinham o intuito de buscar sua mãe, sua atenção e seu amor, só que agora com uma frustração e agressividade maior do que a busca do amor primitivo. Porém com uma necessidade de encontrar um pai que coloque limites às suas condutas impulsivas (WINNICOTT, 1946 apud ABRAM, 1996). Por fim, é importante mencionar também, que tão importante quanto as falhas ambientais que inibiram o desenvolvimento de Kevin, foi a falta do brincar baseado na aceitação de símbolos, possibilitando tornar Kevin uma criança capaz de experimentar tudo o que se encontrava em sua realidade psíquica pessoal, tanto na esfera da agressividade quanto do amor, e assim sentir sua identidade em desenvolvimento (WINNICOTT, 1939/1995).

CONCLUSÃO

O estudo permitiu compreender que a relação inicial da mãe com seu filho é de suma importância para o desenvolvimento emocional do mesmo, tendo em vista o seu potencial de influenciar, de modo a propiciar ou inibir, a constituição psíquica saudável da criança. No filme “Precisamos falar sobre Kevin”, notamos que o não estabelecimento dessa relação, devido às dificuldades de Eva em ser mãe, inibiu o desenvolvimento de Kevin.

O processo de desenvolvimento de Kevin se passou em um ambiente nada facilitador, uma vez que não lhe propiciaram um holding, manejo e apresentação de objeto suficientemente bons. Diante disso, Kevin não consegue estabelecer um relacionamento afetivo com sua mãe. Embora consiga ter uma boa relação com o pai, isso não foi o suficiente para reparar os danos causados pelas falhas ambientais. Pois, a função paterna também falhou ao não conseguir identificar a comunicação inconsciente de Kevin sobre a necessidade de encontrar um amor, bem como por não conseguir impor limites aos seus comportamentos de tendência antissocial. Sendo assim, vale ressaltar o papel fundamental do pai nesse processo, uma vez que ele pode ser e precisa entrar como intervenção preventiva nesses casos.

Kevin não teve um ambiente facilitador que lhe propiciasse confiar em seus pais, ter um brincar criativo e agir livremente. Pelo contrário, o desamparo da falta desse ambiente fez com que Kevin encontrasse dificuldades nos processos de integração, personalização e realização, tornando-se uma criança com tendências antissociais.

Kevin, sofreu sucessivas rupturas provenientes do ambiente em uma fase ainda muito prematura do seu desenvolvimento, o que provocou a falta de internalização de segurança em si. Essa falha ambiental provocou em Kevin uma privação emocional que prejudicou o seu desenvolvimento emocional saudável. Winnicott (1945), explica que as consequências dessa privação na vida do sujeito vão depender dos aspectos inato, do modo, do momento e da intensidade em que se inseriu na vida da criança, podendo vir a tornar-se um sujeito com tendências psicóticas ou antissociais, neste último tendendo ou não à delinquência e perversão, podendo ser evitado com o acolhimento em um ambiente substituto que seja

suficientemente bom e com auxílio de psicoterapia. No caso de Kevin, percebe-se que o mesmo desenvolveu tendências antissociais representadas pela destrutividade que levaram à delinquência, uma vez que Kevin buscou um pai na forma da lei para lhe impor limites.

Ao longo da infância e adolescência de Kevin, seus comportamentos sempre foram agressivos e provocativos, no sentido de desintegrar e testar o ambiente. Contudo, não existiu um ambiente para tolerar os ataques de Kevin, inibindo seu potencial de brincar e sentir-se livre, gerando um sentimento de instabilidade, insegurança e esperança, fazendo com que Kevin buscasse em outros ambientes, como a escola e a sociedade, o que lhe falta para preencher as lacunas devido às falhas existentes no seu processo de desenvolvimento.

Sendo assim, cabe destacar a importância não só da função materna, como também da função paterna, como um importante papel na prevenção dos comportamentos antissociais, pois é o pai quem oferece apoio à mãe para que a mesma desempenhe sua função e tem função de impor limites ao filho. Cabe aos pais impor limites e propiciar um ambiente seguro e confiante para que a criança possa expressar sua agressividade assim como sua criatividade.

Vale evidenciar que este trabalho não tem o intuito de culpabilizar Eva como a responsável por tudo que aconteceu com Kevin, mas sim de alertar para a importância dessa relação para a constituição psíquica do bebê, pois a mesma é imprescindível para o desenvolvimento da criança. O interesse é destacar que para se ter uma maternagem suficientemente boa, é de suma importância que essa mãe tenha apoio familiar e, caso precise, suporte profissional, para lhe propiciar um ambiente facilitador a desempenhar as funções maternas.

Por fim, é importante mencionar a necessidade de construir-se um espaço de fala dentro das famílias, no qual ambos os membros possam falar sobre suas angústias, pois, uma vez que os comportamentos antissociais apresentam uma esperança de escuta, esse espaço para fala pode ser outra medida preventiva. Assim como a importância de se pensar sobre a temática da função da maternidade no desenvolvimento da criança, a fim de analisar e compreender cada vez mais os fatores envolvidos nessa interação para que se possa evitar o sofrimento das mães e das crianças e potencializar o desenvolvimento saudável das pessoas.

REFERÊNCIAS

- ABRAM, J. (1996). A linguagem de Winnicott. Dicionário das palavras e expressões utilizadas por Donald W. Winnicott. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.
- JANUARIO, L. M. Trasferência e Espaço potencial: a relação analítica com crianças em estados autísticos e psicóticos. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília, UnB, 2012.
- KHAN, Masud R. Introdução. In: Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas. Rio de Janeiro: Imago, 2000, p. 11-54.
- OUTEIRAL, José. D. W. Winnicott – o homem e a obra. In: Revista Mente e Cérebro Memória da Psicanálise N. 5. São Paulo: Duetto Editorial, 2005, p. 6-15.
- WINNICOTT, D. W. (1939). Agressão e suas raízes. In: Privação e delinquência. São Paulo: Martins Fontes, 1995, cap. 10, p. 89-103.
- WINNICOTT, D. W. (1941). A observação de bebês numa situação padronizada. In: Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas. Rio de Janeiro: Imago, 2000, cap. 04, p. 112-132.
- WINNICOTT, D. W. (1945). Desenvolvimento emocional primitivo. In: Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas. Rio de Janeiro: Imago, 2000, cap. 12, p. 218-232.
- WINNICOTT, D. W. (1951/1971). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago, 1975, cap. 01, p. 13-44.
- WINNICOTT, D. W. (1956). A preocupação materna primária. In: Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas. Rio de Janeiro: Imago, 2000, cap. 24, p. 399-405.
- WINNICOTT, D. W. (1960). Teoria do relacionamento paterno-infantil. In: O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artmed Editora, 1983, cap. 03, p. 38-54.
- WINNICOTT, D. W. (1960). O relacionamento inicial entre uma mãe e seu bebê. In: A família e o desenvolvimento individual. São Paulo: Martins Fontes, 2011, cap. 02, p. 21-28.
- WINNICOTT, D. W. (1960). Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro self. In: O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artmed Editora, 1983, cap. 12, p. 128-139.
- WINNICOTT, D. W. (1963). Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. In: O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artmed Editora, 1983, cap. 07, p. 79-87.

WINNICOTT, D. W. (1963). Moral e educação. In: O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artmed Editora, 1983, cap. 08, p. 88-98.

Winnicott, D. W. (1966). A mãe dedicada comum. In: Os bebês e suas mães. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 01-11.

WINNICOTT, D. W. (1968). O uso de um objeto e relacionamento através de identificações. In: O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago, 1975, cap. 06, p. 121-131.

WINNICOTT, D. W. (1971). Consultas terapêuticas em psiquiatria infantil. Rio de Janeiro: Imago, 1984.

WINNICOTT, D. W. (1975). O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WINNICOTT, D. W. (1977). The Piggle: relato do tratamento psicanalítico de uma menina. Rio de Janeiro: Imago, 1987.